

Reportagem radiofônica: das transmissões de cima de galinheiros ao *podcast* narrativo¹

Alcides MAFRA²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

A partir de um diálogo com o artigo de Zuculoto *et al.* (2022), busca-se traçar breve histórico da reportagem radiofônica. Parte-se das precursoras experiências no rádio brasileiro na década de 1920 (Zuculoto, 2012), passando por sua consolidação por meio dos Comandos Continental nos anos 1950 (Bespalhok, 2006), ao atual momento, em que o rádio transborda para outras plataformas e encontra no radiojornalismo narrativo em *podcast* (Kischinhevsky, 2018, 2024) uma de suas expressões centrais. A pesquisa tem caráter exploratório, natureza histórica e utiliza, sobretudo, a análise documental como método e técnica e a revisão bibliográfica, tendo como referenciais teóricos os estudos sobre jornalismo radiofônico para mapear a trajetória da reportagem em ambiente sonoro.

PALAVRAS-CHAVE: História da mídia sonora; Reportagem radiofônica; *Podcast*; Radiojornalismo narrativo em *podcast*.

INTRODUÇÃO

A primeira reportagem de rádio produzida para uma emissora brasileira ocorreu em 25 de janeiro de 1937 (Ferraz, 2016). Um transmissor portátil, de aproximados dez quilos, recém-importado pelo proprietário da Rádio São Paulo, João Batista do Amaral, possibilitou a inovação jornalística. Com o equipamento, um repórter da casa, João Ferreira Fontes, auxiliado por um motociclista, percorreu cinco quilômetros acompanhando a parada militar em comemoração aos 383 anos da cidade de São Paulo, colhendo impressões da população e transmitindo-as ao vivo. O êxito da emissora paulistana — que, a depender da fonte consultada, na realidade ocorreu exatamente um ano antes (Ferraz, 2016) —, foi antecipado por experiências que exibiam rudimentos do que hoje consideramos reportagem de rádio. Uma fase precursora da reportagem, portanto, se tomarmos de empréstimo a periodização estabelecida por Valci Zuculoto

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alcidesmafrapb@gmail.com

(2012), iniciada na década de 1920, da qual se destaca a atuação de Edgard Roquette-Pinto no *Jornal da Manhã*, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro:

Apesar de não haver, naquele momento, uma estrutura elaborada de apuração e checagem dos fatos, imprescindível à reportagem nos contextos posteriores e no atual [...], havia ali uma consulta documental, a apresentação de fatos novos e a elaboração de uma análise sobre eles (Zuculoto *et al.*, 2022, p. 5).

Mas não só da erudição do doutor Roquette-Pinto se nutriu, em seu alvorecer, a incipiente reportagem radiofônica nacional. Em 1925, uma proibição de acesso ao Estádio das Laranjeiras exigiu do repórter Amador Santos a habilidade de escalar o galinheiro de uma casa vizinha ao local para narrar uma partida de futebol (Mostaro; Kischinhevsky, 2016). Para Zuculoto *et al.* (2022, p. 7), o feito é digno de figurar na galeria de precursores da reportagem no rádio, “considerando-se o empenho da capacidade de observação, de habilidade na comunicação e o uso de testemunho profissional no processo de apuração dos fatos”. Quase centenário, o episódio foi imortalizado em composição de Lamartine Babo, *As Quatro Estações* (Mostaro; Kischinhevsky, 2016).

A partir desses registros pioneiros, este trabalho revisita a trajetória da reportagem radiofônica no Brasil. A pesquisa possui caráter exploratório, natureza histórica e combina análise documental como método e técnica e revisão bibliográfica para mapear a trajetória da reportagem em ambiente sonoro. O principal referencial utilizado é o artigo “Repórter de rádio — das transmissões esportivas de cima de galinheiros aos Comandos Continental, percursos históricos nas primeiras décadas do meio no Brasil” (Zuculoto *et al.*, 2022), apresentado na 45ª edição do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em João Pessoa (PB). Propõe-se uma continuidade dos achados ali apresentados, procedimento que agrega ao diálogo estudos de Ferraz (2016) sobre a apropriação da tecnologia pelo rádio no decurso de sua história; de Bespalhok (2006), relativos à consolidação da reportagem radiofônica através dos “Comandos Continental”; e de Kischinhevsky (2016, 2018, 2024) para a superação, pelo rádio, do modelo hertziano e também para a conformação do radiojornalismo narrativo em *podcast*.

Também adota-se como baliza a periodização criada por Zuculoto (2012) para descrever a evolução da notícia nas primeiras décadas do rádio, marcada por uma fase precursora, que compreende os anos de 1920 a 1940, seguida por outra, pioneira, de 1950 a 1960, e que se toma como ponto de partida deste artigo. Ao fazê-lo, repetimos a premissa de Marialva Barbosa (2018) que norteou o texto referencial, segundo a qual o

acesso ao passado se dá pela apreciação de documentos, tomados pela autora em sua acepção mais ampla, e que nos são dados conhecer sob a forma de vestígios. O objetivo é contribuir para os estudos históricos sobre mídias sonoras, ao apresentar uma atualização do caminho até aqui trilhado pela reportagem radiofônica nacional, contemplando seu transbordamento para o *podcasting* e as plataformas de *streaming*.

NO INÍCIO, O JORNALISMO NO RÁDIO NÃO SUJA OS SAPATOS

Ao descrever a anatomia da reportagem de rádio, a pesquisadora espanhola Susana Herrera Damas (2007) o faz a partir de quatro perspectivas. Começa sua abordagem pelo conteúdo, elencando as seguintes características: atitude informativa, certa conexão com a atualidade, caráter narrativo descritivo, maior profundidade, inspiração factual e alta versatilidade temática. Ao desenvolver cada um desses aspectos, pondera que: a) o objetivo principal da reportagem é informar. Porém, não o faz de maneira asséptica, como ocorre com a notícia, mas buscará o contexto, as causas, consequências e os testemunhos relativos ao que reporta; b) o sentido de novidade ganha menos peso; c) a dinâmica discursiva se articula sobre uma estrutura simples, que deve incluir uma apresentação dos fatos, personagens e ambiente, uma sequência de eventos e um desenlace, a resolução da situação apresentada; d) a responsabilidade do repórter não reside somente em anunciar que algo ocorreu, mas como ocorreu, por qual motivo e quais as perguntas que permanecem sem resposta; e) a reportagem trata tipicamente de fatos, eventos e situações concretas que ocorreram de maneira real e objetiva; e) dentro desse contexto, pode abordar qualquer tipo de tema: político, social, científico, cultural, amplo ou restrito.

Para Nivaldo Ferraz (2016), a reportagem é um gênero complexo, que expande a notícia e se utiliza da entrevista para validar a narrativa a partir das vozes das fontes. Se inseridas na edição de uma reportagem de rádio, tais vozes oferecem uma emotividade que sua contraparte impressa não consegue rivalizar.

De modo geral, reportagem de rádio se faz com o repórter *in loco*, narrando os acontecimentos ao vivo, em simultâneo ao desenrolar dos fatos, ou apurando e editando para posterior veiculação, no que é conhecido como reportagem diferida. Nenhuma dessas possibilidades estava no horizonte das emissoras nas primeiras décadas da radiofonia nacional. Descontadas as peripécias de Ferreira Fontes e de Amador Santos citadas no início deste artigo (Ferraz, 2016; Zuculoto *et al.*, 2022), o modelo praticado pelas emissoras brasileiras até o final dos anos 1940 é o de um radiojornalismo “preso ao

estúdio e sem fontes próprias de informação” (Bespalhok, 2006, p. 45). Ou seja, apenas eventualmente o jornalismo “subiu em galinheiros” em sua fase precursora. Via de regra, praticava-se um radiojornalismo sem reportagem (Zuculoto; Zimmermann, 2020).

Ainda assim, mais vestígios de atividade do repórter ficaram pelos campos de futebol nacionais: como vimos, relatos dessa atividade relacionada à cobertura esportiva datam do início dos anos 1920. “Há muitas diferenças entre o que era praticado e o que posteriormente foi considerado característica da reportagem radiofônica, mas também muitas aproximações”, consideram Zuculoto *et al.* (2022, p. 8). A narração de jogos direto dos estádios se tornou comum a partir de 1931 (Mostaro; Kischinhevsky, 2016). Porém, Ferraz (2016) é reticente em atribuir-lhe predicados de reportagem. Reconhece, contudo, o mérito de colocar o repórter no palco dos acontecimentos. Dentro dessa lógica, uma experiência exitosa em jornalismo radiofônico teve início a partir dos anos 1950.

O JORNALISMO SE TORNA LOCAL COM O “COMANDOS” EM AÇÃO

Em que pesem as iniciativas inovadoras representadas pela introdução no país do Repórter Esso, “primeira síntese noticiosa do planeta” (Klöckner, 2004, p. 2), e seu principal concorrente, o Grande Jornal Falado Tupi, “primeiro ‘jornal de integração nacional’” (Ortriwano, 2003, p. 74-75), temos que a adoção da reportagem como prática sistemática em solo nacional ocorreu a partir de 1950, por iniciativa da rádio Continental. “O radiojornalismo, até então, era baseado na notícia, não na reportagem externa e ao vivo” (Bespalhok, 2006, p. 82-83). A emissora sediada em Niterói (RJ) estabeleceu como rotina de trabalho a ação de repórteres na rua, que dispunham de dois veículos equipados com o que havia de tecnologia disponível no país à época para fazer a apuração jornalística. Chamados de RC-1 e RC-2, respectivamente uma caminhonete e um furgão da marca Dodge, ambos adquiridos mediante permuta, as unidades móveis e suas equipes dividiam-se na tarefa de acompanhar o cotidiano carioca: “Um ficava encarregado de cobrir as pautas previamente agendadas e o outro percorria a cidade em busca do inusitado e do inesperado” (Bespalhok, 2006, p. 71-72).

Flávia Bespalhok (2006) pondera que a inclinação ao esporte permitiu à Continental estender a cobertura externa a outras editorias. A autora não descarta, porém, a influência do modelo norte-americano sobre o rádio brasileiro, visto que produzia reportagens externas desde 1927. O *delay* não é incomum. Como se verá, ele continuará pautando a relação entre Brasil e Estados Unidos no campo da radiofonia.

Descompassos temporais à parte, a cobertura radiofônica de outra manifestação popular é cotada como embrionária da reportagem da Continental: o Carnaval. A primeira foi feita em 1951, segundo depoimentos de profissionais nela envolvidos colhidos por Besspalhok (2006). Um posto de transmissão montado na avenida Rio Branco e uma linha telefônica foram todo o aparato técnico utilizado. Isso e um contingente de repórteres posicionados em locais estratégicos do Rio de Janeiro. “A partir dessa experiência da Continental, a transmissão ao vivo do carnaval tornou-se tradição no Rio de Janeiro e as rádios começaram a competir em busca da melhor cobertura” (Besspalhok, 2006, p. 64).

Além das jornadas esportivas e carnavalescas, os “Comandos” se notabilizaram pela prestação de serviço. De fiscais do preço do tomate na feira a testemunhas de acidentes espetaculares, os repórteres da Continental faziam jus ao *slogan* da emissora: “A que está em todas”. “A rádio ampliava as notícias em reportagens com entrevistados, espalhando repórteres por toda a cidade. Com isso, os profissionais procuravam investigar causas, desdobramentos e aprofundar a informação inicial” (Zuculoto *et al.*, 2022, p. 12).

DOS ANOS DE CHUMBO AOS DESAFIOS DA ABERTURA

Os “Comandos Continental” tiveram atuação destacada até 1964, quando se instaura a ditadura militar no país e a reportagem externa em rádio se retrai, segundo Zuculoto *et al.* (2022). Essa afirmativa sobre o impacto do regime imposto a partir daquele ano se baseia na pesquisa de Besspalhok (2006) — que, por seu turno, ecoa análise de Gisela Ortriwano (2006). Contudo, Ferraz (2016), em sua tese de doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, chega a conclusão diversa. Para ele, as arbitrariedades dos fardados não interrompem a movimentação dos repórteres na rua — ao menos, nas emissoras paulistanas, objeto de sua pesquisa. “As rádios souberam exercer a reportagem ao vivo, inclusive com temas caros à democracia brasileira e ‘tabus’ para um governo em fim de ditadura” (Ferraz, 2016, p. 82). O autor cita a estratégia da rádio paulistana Jovem Pan, que durante a década de 1970 transmitia sermões de padres da Igreja Católica durante a Semana Santa, eventualmente eivados de críticas ao regime. Apresenta, ainda, o depoimento de uma repórter da rádio Bandeirantes, que de um orelhão deu a notícia de uma reintegração de posse na zona leste da capital paulista, ocorrida em meados dos anos 1980 e severamente reprimida pela polícia.

Se foi mesmo capaz de perseverar em um cenário de liberdade tutelada, no período democrático a reportagem radiofônica não ficou alheia a desafios. Ainda de acordo com

Ferraz (2016), o país aderiu de modo efetivo ao sistema de transmissão no formato *all news*, seguindo o padrão norte-americano de divulgação de notícias em Amplitude Modulada (AM), apenas em outubro de 1991, por iniciativa da rádio CBN. Um atraso de 30 anos em relação ao modelo que o inspirou. Vale destacar que uma tentativa anterior de implantação do sistema, empreendida pela rádio Jornal do Brasil AM, ocorreu em 1980 e durou seis anos, após o qual a emissora carioca voltou a dividir sua programação entre música e informação (Meditsch; Betti, 2016).

A mesma década de 1990 propiciou dois movimentos que podemos entender de sentido oposto: a migração das rádios informativas para a Frequência Modulada (FM) e o início de um processo de encolhimento das empresas jornalísticas, com impactos particularmente relevantes nas emissoras de rádio. “A reportagem perde a excelência apresentada até os anos 80” (Ferraz, 2016, p. 84). Em lugar da apuração na rua, ampliou-se o espaço concedido ao comentário especializado. E, mais uma vez, foram os avanços tecnológicos os responsáveis pela alteração na dinâmica de produção das notícias:

Esta tendência de o jornalista de rádio acumular funções começou já na fase de 55 a 70, em que os avanços da eletrônica, como o transistor, o gravador magnético, as unidades móveis de transmissão, entre outros, permitiram um acondicionamento, ao mesmo tempo e numa relação de causa e efeito de dupla mão, do veículo, do seu radiojornalismo, da sua notícia e do próprio trabalho de produção do radiojornalista (Zuculoto, 2012, p. 159).

A gradual transformação do repórter em profissional multitarefa alcança o paroxismo com a digitalização das redações, o que ocorre a partir dos anos 2000, período em que o rádio se expande para além das ondas hertzianas (Kischinhevsky, 2016) e deixa de ser exclusivamente sonoro (Prata, 2008). Ferraz (2016) explica o atual momento, visto que alcança nossos dias, sob a perspectiva do entrelaçamento entre o rádio e as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs), um conceito criado por Bernard Miège e que se estrutura a partir da relação de uso dos indivíduos com as inovações técnicas existentes. Para Ferraz (2016), o principal desdobramento é que a tecnologia se torna de domínio público. Repórter e audiência compartilham o entendimento de como se dá o processo comunicativo, o que promove uma aproximação entre os polos emissor e receptor. Ao mesmo tempo, a reportagem, ao se introduzir na *web*, se fragmenta. De uma mesma apuração são extraídos derivados: a íntegra da entrevista, imagens eventualmente captadas, documentos obtidos e textos de apoio — senão a mesma reportagem adaptada a outros suportes.

Os conteúdos já não se elaboram exclusivamente para uma plataforma como acontecia no sistema tradicional, em que os conteúdos eram concebidos exclusivamente para sua difusão por ondas hertzianas. Na atualidade, a partir de uma concepção global, se efetuam versões segundo as características de cada plataforma (Herreros, 2011, p. 84).

Esse ecossistema comunicacional inovador, segundo a definição de Herreros (2011), trouxe mudanças nos hábitos de consumo da audiência. Entre os que mais impactam a produção de conteúdo contemporânea está a fugacidade da atenção dispensada ao que é publicado. A estrutura de rolagem infinita das redes sociais, para a qual a maior parte do que é produzido é direcionado, contribui com essa lógica, pois o tempo de destaque na tela é exíguo. Prevalece, portanto, a síntese. “Nada disso, em princípio, é ruim para o repórter de rádio, mesmo porque ele é em geral, hoje, um jovem jornalista que nasce sob o desenvolvimento das TICs e do mundo digital. Pode mal conhecer outra forma de reportar”, pondera Ferraz (2016, p. 91).

Em resumo, tem-se um atual cenário em que se exige do jornalista domínio não apenas sobre o que já era de sua competência técnica, ou seja, questões ligadas diretamente ao desempenho de sua função, mas adicionalmente ter conhecimento e trânsito pelos meandros da tecnologia digital, presença e desenvoltura nas redes sociais, capacidade de produzir conteúdo para diferentes suportes, tendo como pressões o contexto de precariedade da profissão (Deuze; Witschge, 2016), de não apenas enxugamento, mas extinção de redações, necessidade de empreender, gerar *networking*, além de competir com um contingente cada vez maior de atores não especializados, mas com igual domínio e acesso a meios de produção de conteúdo. Além disso, como aponta Chagas (2017), a natureza contemporânea do rádio, expandida e hipermediatizada, promove uma nova compreensão das mediações e da percepção da audiência sobre as temáticas públicas.

Há então relações de produção que são alteradas substancialmente a partir de novas lógicas na redação. A presença em diferentes canais, a interação, mediada ou não, com os ouvintes e novos suportes tecnológicos reorganizam o trabalho jornalístico ao lado de outras variáveis contextuais características desse rádio expandido (Chagas, 2017, p. 36).

Coloque-se na equação a série de pressões que a rotina jornalística sofre em nível organizacional e implicam a escolha do que será ou não publicado, e quem tem poder de influenciar sobre o que será ou não publicado — circunstâncias que, aliás, não são novas no cotidiano redacional — e temos um conjunto de variáveis que tende a se complexificar

cada vez mais. É diante desse ambiente fluido e desafiador que a reportagem radiofônica brasileira vem se reconfigurando, segundo a percepção de Zimmermann (2023). Para o autor, dadas as condições impostas pela era digital e a capacidade que essas mudanças têm de modelar os meios de comunicação existentes, faz-se necessário estabelecer uma caracterização contemporânea do formato, que dê conta das inovações tecnológicas e dos hábitos de escuta propiciados pela presença do rádio na *web*. A esse cenário se pode acrescentar o movimento que a reportagem radiofônica fez em direção a um novo suporte.

DA RÁDIO PÚBLICA AO ÁUDIO SOB DEMANDA

É na primeira década dos anos 2000 que a reportagem se aproxima do *podcasting*. O termo designa o ato de compartilhar arquivos de áudio na internet. Não qualquer arquivo, mas publicações personalizadas e periódicas, de conteúdo variado, disponíveis ao usuário mediante a assinatura de um *feed* RSS. Atualmente, o protocolo que automatiza o *download* de arquivos deixou de ser crucial, visto que as plataformas de *streaming* centralizaram a distribuição dos *podcasts*, que são o produto dessa prática batizada como tal em 2004. Se, no início, o que movia seus entusiastas era a possibilidade de “fazer rádio fora do rádio”, driblando as convenções do meio e produzindo o que viesse à mente, paulatinamente o *podcast* se acomodou a uma lógica de mercado: sofisticou seus recursos de produção, ampliou os meios de monetização e atraiu o interesse de grandes grupos de comunicação. Tornou-se, no dizer de Tiziano Bonini (2020), *mainstream*.

De acordo com o professor da Universidade de Siena, na Itália, esse processo teve início em 2012, quando produtores de formatos radiofônicos narrativos egressos de rádios públicas dos Estados Unidos passaram a investir em conteúdo independente, constituindo o que chamou de “segunda era” do *podcasting*. O marco dessa virada temporal foi o lançamento, em outubro de 2014, de *Serial*. Desdobramento do programa radiofônico *This American Life* (Kischinhevsky, 2018), o *podcast* revisitou um caso de homicídio ocorrido no condado norte-americano de Baltimore em 1999, e cujo suspeito, Adnan Sayed, havia sido condenado à prisão perpétua em 2000. “No fundo, convenceu quem escutava de que ouvir o programa poderia mudar o futuro de uma pessoa” (Santos, 2019). De fato, por conta da repercussão e das dúvidas suscitadas pela série, o julgamento foi

anulado em 2022³ — o que dimensiona o impacto de *Serial*, considerado o *podcast* mais popular de todos os tempos (Barbosa, 2015). Um fenômeno cultural, cuja primeira temporada teve mais de 300 milhões de *downloads*⁴ e que está em sua quarta temporada⁵.

O êxito de *Serial* levou outros produtores a prestar atenção no *podcasting*. No Brasil, o primeiro a beber nessa fonte foi o Projeto Humanos. O programa criado pelo professor universitário e jornalista Ivan Mizanuk estreou em março de 2015, menos de seis meses do lançamento de *Serial*. O curto lapso temporal demonstra que, diferente do que ocorreu no período de consolidação do rádio, o Brasil foi mais ágil ao acompanhar o cenário internacional relativo ao novo formato sonoro.

João Alves e Debora Cristina Lopez (2021) consideram Projeto Humanos o primeiro exemplar em território nacional do que Kischinhevsky (2018) conceituou como radiojornalismo narrativo em *podcast*, ou seja, a transposição da reportagem radiofônica de fôlego, originária da rádio pública norte-americana, para o áudio sob demanda.

Sua organização, inspirada em programas do gênero na podosfera norte-americana (como *Serial*), explora a narrativa em primeira pessoa, o lugar do criador de conteúdo na história, a humanização e o relato detalhado e complexificado do acontecimento (Alves; Lopez, 2021, p. 13)

Em 2018, saiu a quarta temporada do Projeto Humanos. Em O Caso Evandro, Mizanuk narra um crime ocorrido no litoral do Paraná, em 1992, e de grande repercussão à época — assim como repercutiu o próprio *podcast*, a ponto de provocar desdobramentos no caso⁶ e ganhar versão audiovisual pela plataforma Globoplay em 2021 (Mafra *et al.*, 2023). A temporada seguinte, *Altamira*, lançada em abril de 2022, reafirmou as características de radiojornalismo narrativo do Projeto Humanos (Kischinhevsky, 2018) e ajudou a consolidar o modelo no país, que ganha impulso a partir de 2020. É nesse ano que produtoras independentes e segmentos da grande mídia nacional, de olho na crescente audiência e visando cristalizar sua presença no mercado emergente, promovem parcerias

³ CABRAL, S. Condenação por assassinato retratado no podcast “Serial” é anulada após 22 anos. BBC News, 20 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62966974>. Acesso em: 28 mai. 2024.

⁴ WENDLING, M. Will *Serial*'s Adnan Syed go back to jail? BBC News, 5 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-62964216>. Acesso em: 28 mai. 2024.

⁵ PETSKEI, D. ‘Serial’ Season 4 To Focus On History Of Guantanamo; Podcast Premiere Date Set. Deadline, Podcast, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://deadline.com/2024/02/serial-season-4-guantanamo-premiere-date-podcast-1235841611/>. Acesso em: 28 mai. 2024.

⁶ COLOMBO, M.; ROCHA, M. Caso Evandro: Justiça anula condenações de acusados pelo crime. Paraná RPC, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/11/09/caso-evandro-justica-anula-condenacoes-de-acusados-pelo-crime.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2024.

entre si e com as plataformas de *streaming* para diversificar a oferta de conteúdo, tanto de programas noticiosos quanto de *podcasts* narrativos seriados, constituindo um novo “boom” do *podcasting* nacional.

Um exemplar desse período de intensa produção é Praia dos Ossos. Primeiro *podcast* original da Rádio Novelo, produtora independente fundada no Rio de Janeiro em 2019, a minissérie sonora foi lançada dia 12 setembro de 2020. Apresentada pela linguista carioca Branca Vianna e dividida em oito capítulos — mais três episódios bônus que não constam no *site* da produtora, divulgados em 2021 (Silva; Borges, 2023) —, reconstituiu aspectos relacionados ao assassinato, na noite de 30 de dezembro de 1976, da *socialite* mineira Ângela Diniz pelo empresário paulistano Raul Fernando do Amaral Street, seu namorado à época, na praia de Búzios (RJ) que dá nome à série. Embora dialogue com *Serial* e *In the Dark*, *podcasts* que narram investigações criminais, Praia dos Ossos ultrapassa o aspecto forense ao abordar temas como a mobilização feminista que o caso suscitou e a percepção que a sociedade, à época, formou sobre os papéis de culpado e vítima — especialmente durante o primeiro julgamento, em 1979, em que Doca Street saiu pela porta da frente do tribunal de Cabo Frio (RJ), sob aplausos do público (Franco, 2020). Kischinhevsky, Fraga e Couto (2023) consideram-no uma das principais referências em língua portuguesa do *podcasting* narrativo e um

tributário de uma tradição de contação de histórias em mídia sonora, que transbordou do rádio para o *podcasting* e se consolidou nos EUA na última década, a partir de experiências nascidas no rádio hertziano, como *This American Life*, e *podcasts* nativos digitais, como *Serial* e *Radiolab* (Kischinhevsky; Fraga; Couto, 2023, p. 2).

Do lado da chamada grande mídia, temos o Universo OnLine (UOL), portal de conteúdo do Grupo Folha, que lançou seu primeiro *podcast* narrativo em 2019, chamado Ficha Criminal. Em 2020, o site levou às plataformas UOL Investiga — A Vida Secreta de Jair, apuração da jornalista Juliana Dal Piva sobre as denúncias de práticas ilícitas envolvendo a família do então presidente Jair Bolsonaro. Após a estreia, o programa alcançou o primeiro lugar entre os *podcasts* mais ouvidos do Spotify⁷, conquistou os

⁷ UOL INVESTIGA mostra a força de podcasts narrativos para informar e envolver. UOL, Branding, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://blog.publicidade.uol.com.br/branding/uol-investiga-mostra-a-forca-de-podcasts-narrativos-para-informar-e-envolver/>. Acesso em: 18 set. 2024.

prêmios IREE de Jornalismo, Grande Prêmio UOL de Conteúdo e foi finalista do Prêmio de Excelência Jornalística 2022, da Sociedade Interamericana de Jornalismo (SIP)⁸.

Mais recentemente, em 2024, o UOL lançou Lira: os atalhos do poder. *Podcast* narrativo em cinco episódios apresentado por Thais Bilenky, detalha a ascensão de Arthur Lira, das origens na política alagoana à presidência da Câmara dos Deputados. Um ano antes, a mesma jornalista assinou Alexandre. Parceria entre a produtora independente Trovão Mídia e a revista Piauí, a série em seis capítulos abordou a trajetória do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes.

Não foi somente através do UOL que o Grupo Folha marcou presença no segmento de jornalismo narrativo em *podcast*. Em 2018, sob o selo Folha de S. Paulo, foi lançada O Presidente da Semana, série retrospectiva apresentada por Rodrigo Vizeu sobre os presidentes da República, de Deodoro da Fonseca até Jair Bolsonaro. Ao final do primeiro ano de publicação, o programa havia ultrapassado 2 milhões de *downloads*⁹. Em repercussão, não se comparou a outro produto do jornal: A Mulher da Casa Abandonada narrou a história da moradora de uma mansão arruinada no bairro de Higienópolis, em São Paulo, que escondia um passado criminoso. “A série apresentada por Chico Felitti chegou aos tocadores em 2022 e se tornou um fenômeno, suscitando debates sobre ética jornalística e pautando reportagens inclusive de outros veículos” (Mafra *et al.*, 2023, p. 12). Em 40 dias, a atração alcançou a marca de 7 milhões de *downloads* (Kischinhevsky; Fraga; Couto, 2023).

Principal grupo de mídia do país, a Globo investe em *podcasting* desde 2019 (Kischinhevsky, 2024). Desenvolve projetos em parceria com produtoras independentes ou através de seus veículos, como a rádio CBN e o jornal O Globo. Todos ficam sob o guarda-chuva de seu serviço de *streaming*, o Globoplay, mas também são distribuídos por outras plataformas. Fazem parte do acervo produções como À Mão Armada, série narrada por Sônia Bridi sobre as consequências da política armamentista do governo Bolsonaro;

⁸ PODCAST “A Vida Secreta de Jair” é finalista de prêmio internacional da SIP. UOL, Mídia e Marketing, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/04/26/podcast-a-vida-secreta-de-jair-finalista-premio-sip.htm>. Acesso em: 18 set. 2024.

⁹ PODCAST Presidente da Semana atinge 2 milhões de downloads. Folha de S. Paulo, Política, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/podcast-presidente-da-semana-atinge-2-milhoes-de-downloads.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2024.

República das Milícias, atração baseada no livro homônimo de Bruno Paes Manso desenvolvida em parceria com a Rádio Novelo; e Pistoleiros, primeiro original Globoplay produzido em parceria com o jornal O Globo, resultado da investigação do jornalista Rafael Soares sobre o submundo da pistolagem do Rio de Janeiro. Todas lançadas em 2021. Em 2024, o portfólio da empresa contabiliza mais de 200 títulos¹⁰. Entre os que estrearam neste ano, estão A Ditadura Recontada, produção Globoplay e Rádio CBN derivada da série de livros do jornalista Elio Gaspari sobre o regime militar; Medo do Escuro — O Caso João Paulo, série criminal apresentada pelo jornalista Rodrigo Pereira; No Rastro do Dinheiro, no qual o investigador de polícia Beto Chaves trata dos meandros da ação financeira do crime organizado; e O Último Plano, reportagem de Renata Ribeiro sobre os bastidores da criação do Plano Real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como ocorreu com o rádio, o *podcast* jornalístico no Brasil vivenciou uma “fase precursora” (Zuculoto, 2012), no qual se destacam produções como Café Brasil, *podcast* de variedades e entretenimento que podemos entender como de transição ao modelo informativo. Mais adiante, em 2014, é lançado Mamilos, marco inicial do *podcast* jornalístico produzido no cenário brasileiro (Mafra *et al.*, 2023). Considerando o contexto de precariedade dos registros relativos a *podcasts* no Brasil, essa cronologia está sujeita a atualizações. Contudo, a partir do período em que se constitui a “segunda era” advogada por Bonini (2020), tem-se a presença de conglomerados de mídia na podosfera nacional, o investimento no formato pelas plataformas de *streaming* e a ampliação da oferta de conteúdos jornalísticos. O recorte apresentado acima serve somente para ilustrar como, nesse contexto, a reportagem de rádio derivou para o *podcasting*, encontrando no novo ambiente espaço propício ao desenvolvimento de narrativas que o meio original, pautado no imediatismo do noticiário e sujeito a sucessivas restrições orçamentárias, se viu compelido a abandonar.

Para Kischinhevsky (2024), o *podcasting* ruma a uma nova fase, de consolidação. O movimento tem como principal motor aquilo que Sullivan (2019) caracterizou como

¹⁰ Disponível em: <https://www.globo.com/podcasts/>. Acesso em: 19 set. 2024.

“plataformização do *podcasting*” e que, aos poucos, desfez a impressão de que o formato se investia de um potencial expressivo libertário. Prevaleceu, como em outras instâncias da comunicação, a questão econômica. “Há uma clara dualidade nesse novo cenário: por um lado, a ampliação de oportunidades para novos atores no mercado de áudio; por outro, uma concentração de poderes nas plataformas que acarreta ameaças à diversidade e à pluralidade de vozes” (Kischinhevsky, 2024, p. 55).

Nada disso é estranho ao jornalismo ou à comunicação de massa de um modo geral. E se o modelo que vigorou até então foi transposto ao *podcasting*, temos a celebrar o fato de que a reportagem de fôlego vicejou nesse novo ecossistema digital, mobilizando audiências em torno de temas prementes, muitas vezes invisibilizados nas outras esferas do sistema midiático. Como pontua Kischinhevsky (2024, p. 140), a condição em si enseja um aprofundamento das pesquisas sobre o tema, “cada vez mais relevante para o campo da comunicação”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J.; LOPEZ, D. C. Projeto Humanos: um estudo descritivo do primeiro podcast narrativo jornalístico brasileiro. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 13, 2021, Juiz de Fora, MG. **Anais [...]**. São Paulo: ALCAR, 2021. Disponível em: https://redealcar.org/wp-content/uploads/2021/08/15_gt_historiadamidiasonora.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.
- BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BARBOSA, I. C. **Jornalismo narrativo em podcast**: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/19991949/Jornalismo_narrativo_em_podcast_Uma_analise_da_linguagem_da_midia_e_do_cenario. Acesso em: 7 fev. 2023.
- BARBOSA, M. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 41, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2717>. Acesso em: 17 set. 2024.
- BESPALHOK, F. L. B. **A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006.
- BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Trad: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/45flyg1>. Acesso em: 7 fev. 2023.

CHAGAS, L. J. V. Rádio expandido e o jornalismo: as redações radiofônicas na fase da multiplicidade da oferta. **Comunicologia** – Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 10, n. 1, 27 jun. 2017, p. 29-45. Disponível em: <https://bit.ly/47eSuZ7>. Acesso em: 2 fev. 2023.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando? **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2016, p. 7-21. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>. Acesso em: 30 mai. 2024.

FERRAZ, N. **Reportagem no rádio**: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da *peça radiofônica reportagem*. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

FRANCO, M. Doca Street, assassino de Ângela Diniz, morre aos 86 anos em São Paulo. **Folha de S. Paulo**, 18 dez. 2020. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/doca-street-assassino-de-angela-diniz-morre-aos-86-anos-em-sao-paulo.shtml#>. Acesso em: 22 abr. 2024.

HERRERA DAMAS, S. El reportage en radio: anatomía de um género. **Ámbitos**, n. 16, 2007, p. 91-105. Disponível em: <https://e-archivo.uc3m.es/rest/api/core/bitstreams/a78b365a-09ba-4f1e-8bed-191bb47f494b/content>. Acesso em: 4 set. 2024.

HERREROS, M. C. O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. **Rádio-Leituras**. Ano 2, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/378/345>. Acesso em: 4 set. 2024.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 73-80, 1 nov. 2018. Disponível em: <http://www.revistaeic.eu/index.php/raeic/article/view/148>. Acesso em: 16 mai. 2024.

KISCHINHEVSKY, M. Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

KISCHINHEVSKY, M.; FRAGA, K.; COUTO, L. **O “eu” no podcasting jornalístico**: considerações sobre a narrativa sonora em primeira pessoa em Praia dos Ossos. Encontro Anual da Compós, 32, 2023, São Paulo, SP. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/o-eu-no-podcasting-jornalístico-consideracoes-sobre-a-narrativa-sonora-em-primeira-pessoa?lang=pt-br>. Acesso em: 16 mai. 2024.

KLÖCKNER, L. O Repórter Esso e Getúlio Vargas. In: Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2, 2004, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74695668814433177230257016087316867641.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

MAFRA *et al.* A conformação histórica do podcast jornalístico no Brasil: registros e análises preliminares. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 14, 2023, Niterói, RJ. **Anais [...]**. São Paulo: ALCAR, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MEDITSCH, E.; BETTI, J. C. G. O formato *all news* no rádio brasileiro: importação, estranhamento e adaptação. **Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 7, n. 2, 2016, p. 36-57.

MOSTARO, F. F. R.; KISCHINHEVSKY, M. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. **LIS Letra. Imagen. Sonido**. Ciudad Mediatizada, n. 15, p. 147-165, 2016.

ORTRIWANO, G. S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, [S.l.], n. 56, 2003, p. 66-85. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p66-85. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>. Acesso em: 9 fev. 2024.

PRATA, N. **Webrádios: novos gêneros, novas formas de interação**. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/47nrvM>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SANTOS, A. A. O crime, o condenado e o podcast: “Serial” chegou à televisão para dissecar o caso de Adnan Syed. **Observador**, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://observador.pt/2019/03/21/o-crime-o-condenado-e-o-podcast-serial-chegou-a-televisao-para-dissecar-o-caso-de-adnan-syed/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SILVA, A. C.; BORGES, R. P. Biografismo: Narrativas da Realidade no Podcast “Praia dos Ossos”. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 23, 2023, Campo Grande, MS. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2023. Disponível em: [04282023194649644c4cd9942eb.pdf \(intercom.org.br\)](https://www.intercom.org.br/anais/2023/04/28/04282023194649644c4cd9942eb.pdf). Acesso em: 24 abr. 2024.

SULLIVAN, J. L. The Platforms of Podcasting: Past and Present. **Social Media Society**, v. 5, out./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2056305119880002>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ZIMMERMANN, A. **Reconfigurações da reportagem radiofônica brasileira: análise e proposta de redefinição das modalidades contemporâneas a partir dos casos CBN, Jovem Pan News e Gaúcha**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2023.

ZUCULOTO, V. R. M. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

ZUCULOTO, V. R. M. *et al.* Repórter de rádio — das transmissões esportivas de cima de galinheiros aos Comandos Continental, percursos históricos nas primeiras décadas do meio no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 45, 2022, João Pessoa, PB. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0730202211384262e5427294f87.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2024.

ZUCULOTO, V. R. M.; ZIMMERMANN, A. Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias. **Âncora**, v. 7, n. 1, 2020, p. 220-238. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/51297/30844>. Acesso em: 4 set. 2024.